

CARLOS TEIXEIRA DE CAMPOS JÚNIOR

De bem com a cidade

O engenheiro civil e professor Carlos Teixeira de Campos Júnior elegeu as áreas de Arquitetura e Urbanismo para especialização, e nelas fez mestrado e doutorado. Durante suas pesquisas, baseadas no Projeto Novo Arrabalde, o primeiro plano de expansão da cidade, feito há cem anos pelo engenheiro carioca Saturnino de Brito, o professor se deparou com um tesouro urbanístico que define o perfil da cidade de Vitória. Utilizando o vasto material, lançou, no começo deste ano, O Novo Arrabalde, livro singular e de muito bom gosto. Agora, o livro se desmembra em um seminário, "O Novo Arrabalde - Saturnino de Brito - 1896-1996", que terá início amanhã, na Ufes, com uma exposição de 30 painéis de Vitória antiga. O que mais surpreendeu o professor em sua pesquisa foi a constatação de que o projeto mesclava uma arrojada



Foto de Luiz Pajau

Carlos Teixeira Campos: comandando um seminário a partir de amanhã

reestruturação urbana, que quintuplicava a área habitada até então, com um ambicioso projeto econômico para o Estado. O idealizador do projeto foi o então presidente do Estado do Espírito Santo, Muniz Freire, que o encomendou a Saturnino de Brito, que havia criado projetos semelhantes para cidades como Petrópolis, Recife e Santos. Reticente em algumas colocações, mas aberto ao diálogo, o professor e pesquisador Carlos Teixeira é também um ardente defensor do projeto O Novo Arrabalde. "Ele foi realizado pensando em quem iria usar a cidade", justifica. Ele enumera algumas peculiaridades: "Como Vitória era pobre em monumentos, Saturnino de Brito fez do Novo Arrabalde monumento urbanístico em que seus traçados valorizam exatamente a beleza natural da cidade", destaca.

Rose Frizzera

O que é o projeto O Novo Arrabalde? O projeto O Novo Arrabalde fez parte da expansão urbana projetada há cem anos pelo sanitarista Saturnino de Brito. O projeto foi encomendado pelo presidente do Estado, Muniz Freire, que governou o Espírito Santo de 1892 a 1896. A minha preocupação inicial com este projeto era uma dissertação

ser construída em 1902. Tudo isso para ligar esses pólos produtores ao Porto de Vitória. Naquele tempo, a receita do Estado foi triplicada e Muniz Freire acreditava que esse dinamismo econômico fosse continuar, o que deu respaldo a todos esses planos.

– Em relação à cidade, quais eram os planos?

– Ele contratou uma empresa para fazer o saneamento da cidade, com implantação do sistema de água, esgoto e, posteriormente energia. Ele con-

da em que estamos assistindo a mudança das atividades comerciais de Vitória do Centro da cidade para a zona Norte, exatamente, a área que compreende o projeto do Novo Arrabalde. Você acha que houve uma estagnação do projeto de Muniz Freire para a época?

moratória, no ano de 1900. Então, esse projeto não se concretizou imediatamente e nem o projeto econômico. A disputa pelos terrenos desse novo traçado só vai acontecer na década de 20 e a ocupação só se efetivará a partir da década de 20. Se naquele tempo esse projeto faria a ligação do Es-

feitura, é muito importante. É importante para se tomar algumas posições políticas e chegar ao que se quer para esta cidade no futuro. Alguns pontos foram alinhavados, mas não são os ideais.

– Na época do projeto do Novo Arrabalde, a preocupação social era na área sanitária. Hoje, quais as preocupações com relação à cidade?

– Uma das preocupações de hoje, para uma cidade harmônica no futuro, é o ritmo do processo de adensamento,

anda o processo de adensamento desta área que compreende o Novo Arrabalde?

– Um termômetro são alguns números que tenho em mãos. Em Jardim Camburi, que não faz parte do projeto O Novo Arrabalde mas é parte da cidade, foram aprovados, em 1993, 88 projetos de construção, que representam cerca de 58 mil metros quadrados. Em 94 foram aprovados 109 projetos, que representam 110 mil metros quadrados. O dobro. Em 95 foram 88 projetos e 100 mil

banana projetada na cem anos pelo sanitaria Saturnino de Brito. O projeto foi encomendado pelo presidente do Estado, Muniz Freire, que governou o Espírito Santo de 1892 a 1896. A minha preocupação inicial com este projeto era uma dissertação de mestrado sobre o processo de urbanização da cidade de Vitória. Mas depois acabou virando um livro. O que me despertou para isso foi a identificação deste projeto, que ampliava em cinco ou seis vezes a área urbana de Vitória, criando bairros como Praia do Suã, Praia do Canto, Praia de Santa Helena, Santa Lúcia, Horto e Jucutuquara. Percebi que cabia um estudo maior.

– O que exatamente lhe surpreendeu neste projeto?

– Foram várias surpresas desde o momento em que encontrei este material no Arquivo Público. Vitória estava situada na parte alta do Centro da Cidade, com alguma ocupação no que hoje é chamado Avenida Jerônimo Monteiro. O Parque Moscoso era um alagado. A cidade ainda tinha o que o historiador Sérgio Buarque de Hollanda chama de “cavalgar de montaria”. Não era um traçado certinho, mas tortuoso. Ou seja, um caminho mais fácil para chegar a uma determinada distância.

– Que outras surpresas essa pesquisa lhe reservou?

– A grande surpresa foi perceber que este projeto fazia parte de uma grande estratégia de governo de Muniz Freire, que queria tornar Vitória um grande centro comercial do Espírito Santo e de parte de Minas. As cidades pontuavam o litoral. São Mateus, Vitória e Itapemirim eram as mais importantes. Uma região era mais importante na medida em que ela produzia mais café. A estratégia de Muniz Freire era trazer para Vitória toda a movimentação de exportação de café. Ele buscou cooptar a produção cafeeira do Estado, que antes seguia do Sul direto para o Rio de Janeiro, e ainda de Minas, para ser escoada por Vitória.

– Então, na verdade, a fundamentação do projeto é eminentemente econômica?

– Lógico. A cidade tem uma vida econômica social e política. Neste momento, a determinação econômica foi muito importante. O projeto era construir um sistema ferroviário que ligasse o Sul a Vitória – estrada de ferro Leopoldina – e a ligação com Minas, que nada mais é que a Estrada de Ferro Vitória a Minas, que só começou a

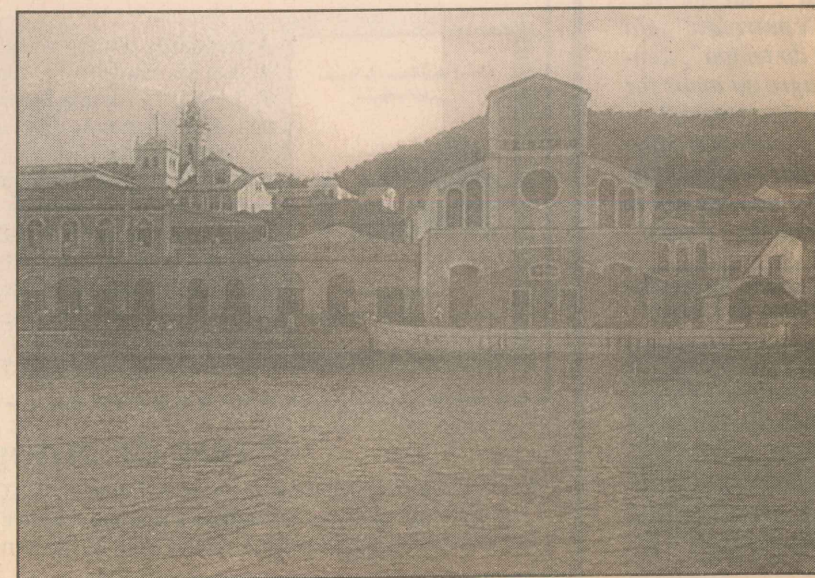
dos esses planos.

– Em relação a cidade, quais eram os planos?

– Ele contratou uma empresa para fazer o saneamento da cidade, com implantação do sistema de água, esgoto e, posteriormente energia. Ele contratou o engenheiro sanitaria Saturnino de Brito para projetar o Novo Arrabalde, para abrigar a população que para aqui viria. Saturnino de Brito era de Campos, Rio de Janeiro, e fez uma infinidade de projetos desse tipo para várias cidades brasileiras, como Petrópolis, Recife, Paraíba e Santos. Esse projeto daria o complemento territorial para a cidade se tornar um grande centro comercial. Ele queria convergir para cá o comércio internacional do café. Era o momento em que se estabelecería uma nova ligação do Espírito Santo com o mundo, através do Porto de Vitória.

– O projeto O Novo Arrabalde está fazendo um século na década de 1990?

No livro O Novo Arrabalde há registros de Vitória como a vista da cidade, com o cais do Imperador e o cais da Alfândega, e antigos armazéns. Na última foto, o Armazém Antenor Guimarães, onde hoje fica o prédio dos Correios, na Jerônimo Monteiro



ciais de Vitória do Centro da cidade para a zona Norte, exatamente, a área que compreende o projeto do Novo Arrabalde. Você acha que houve uma estagnação do projeto de Muniz Freire para a época?

– A idéia do livro foi compreender as razões que levaram à realização deste projeto de tornar Vitória um grande centro comercial...

– Mas, ultrapassando a proposta do livro, como você vê essa possibilidade, como pesquisador?

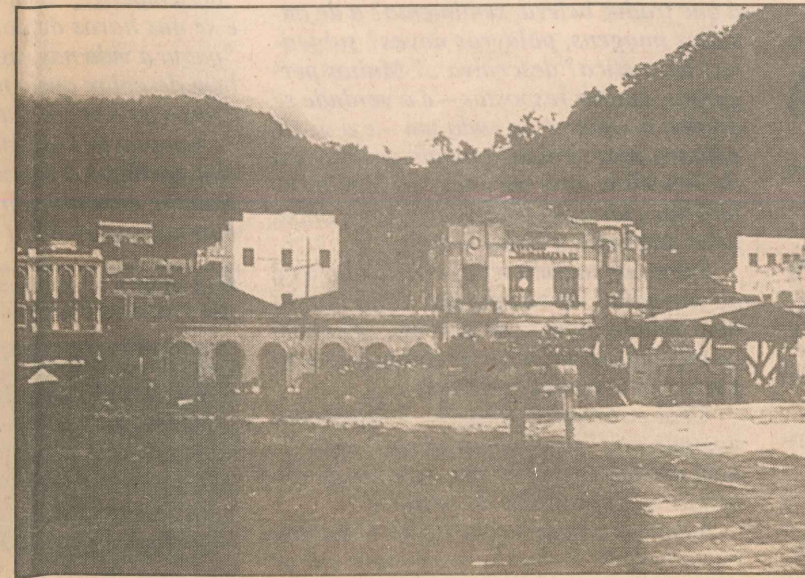
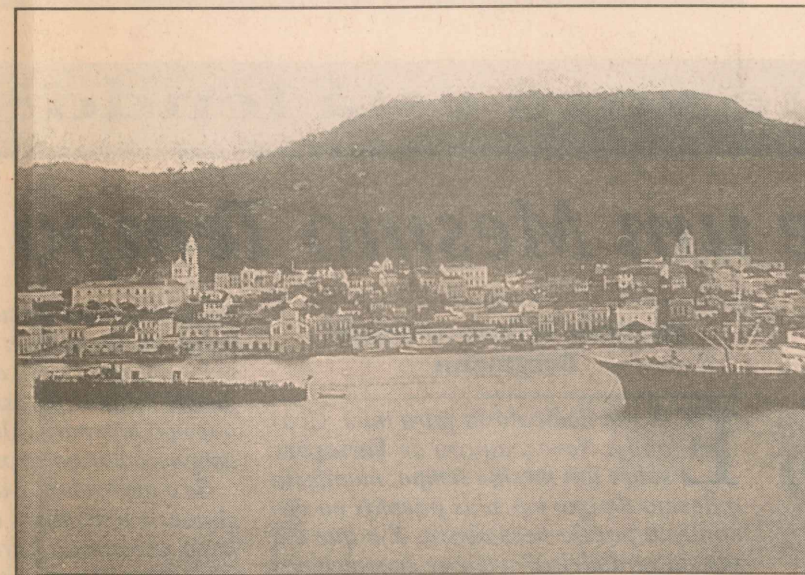
– Houve um grande processo de mudança nesse período, que deu a sustentação política para que o Governo tomasse uma atitude de tal envergadura. Mas o projeto vai se modificando ao longo do tempo. O plano que o próprio Muniz Freire concebeu não foi concretizado no tempo esperado, em função da crise dos preços internacionais do café, que fez com que o Estado entrasse em

imediatamente e nem o projeto econômico. A disputa pelos terrenos desse novo traçado só vai acontecer na década de 20 e a ocupação só se efetivará a partir da década de 20. Se naquele tempo esse projeto faria a ligação do Espírito Santo com o resto do mundo, a ocupação foi se modificando a partir da década de 60, e na década de 70/80 vai acontecer um adensamento muito grande desta área. O mais curioso é observar que esse traçado ainda está suportando a cidade. Hoje, o centro dinâmico e econômico foi deslocado para a região Norte, o que aumenta a importância do projeto.

– Ainda como estudioso da área urbanística, o que tem se discutido sobre o futuro urbano de Vitória?

– Olha, esse passo de pensar o futuro da cidade, que tem sido uma atitude da Universidade e da Pre-

‘O Morro do Sacré-Couer foi imaginado para ser subido de charrete e ter a visão, de um lado, do estuário do Rio Santa Maria e seu manguezal, do outro, o infinito do oceano’



vo Arrabalde, a preocupação social era na área sanitária. Hoje, quais as preocupações com relação à cidade?

– Uma das preocupações de hoje, para uma cidade harmônica no futuro, é o ritmo do processo de adensamento,

principalmente o crescimento vertical (de prédios). Não há como deixar de compatibilizar esse crescimento com a circulação. Recentemente, a Prefeitura tomou a medida de aprovar os projetos de dimensão maior fazendo um estudo do impacto urbano. Isso me parece um primeiro passo. Precisamos fazer algumas perguntas, como: O que desejamos para esta cidade? Nessa área do Novo Arrabalde, para ser destinada à moradia, com qualidade de vida e atividades comerciais e de serviço, tem que se pensar alguns empreendimentos. Senão, certamente teremos problemas no futuro.

– Você tem dados sobre como estas comparações numéricas?

– Com uma rápida conta é possível ver o tamanho do crescimento de cinco mil para 129 mil metros quadrados de área a ser construída no Barro Vermelho, o que é uma indicação de mudança, de transformação e de problema. Isso vai refletir na circulação de um bairro que tem deficiência viária, porque é um lugar alto. Isso não foi avaliado. Este seminário que a Ufes vai realizar a partir desta semana vai mostrar isso e vai discutir estas questões. No futuro, vamos ver a população migrar para outros municípios, principalmente Vila Velha e Serra.

– E o que se perde com toda esta transformação?

– Com esse processo de globalização, as cidades estão perdendo as suas particularidades e diferenças. É um ponto muito importante no vínculo das pessoas com o lugar. Temos que resguardar os aspectos positivos que cada cidade tem. Esse projeto revela essas belezas. A Reta da Penha (Avenida Nossa Senhora da Penha), por exemplo, foi construída de frente para o Convento da Penha para valorizar aquele monumento. As ruas da Praia do Canto morrem nos pés dos pequenos morros, que agora começam a ser encobertos pelos prédios. As ilhas são valorizadas. O Morro da Barrinha – morro do Sacré-Couer – foi imaginado para ser subido de charrete e ter a visão, de um lado, do estuário do Rio Santa Maria e seu manguezal, do outro, “o infinito do oceano”, nas palavras do próprio Saturnino. É isso que nos particulariza, e não um prédio alto. Esses recursos naturais são as novas raridades urbanas. Quem tem isso, tem moeda forte. O grande predicado desse projeto é que, em cem anos, ele pouco se modificou. O projeto tem uma preocupação estética. Hoje, a largura das ruas ainda aguentam toda essa expansão. Mas até quando?

‘A grande surpresa foi perceber que este projeto fazia parte de uma grande estratégia de Governo de Muniz Freire, que queria tornar Vitória um grande centro comercial do Espírito Santo e de parte de Minas’

parte da cidade, foram aprovados, em 1993, 88 projetos de construção, que representam cerca de 58 mil metros quadrados. Em 94 foram aprovados 109 projetos, que representam 110 mil metros quadrados. O dobro. Em 95 foram 88 projetos e 100 mil metros quadrados. No Barro Vermelho, que faz parte do Novo Arrabalde, foram aprovados nove projetos, que correspondem a cerca de cinco mil metros quadrados, em 94. Já em 95, foram aprovados 14 projetos, mas que representam 129 mil metros quadrados.

– Que avaliação você faz com

estas comparações numéricas?

– E o que se perde com toda esta transformação?

– Com esse processo de globalização, as cidades estão perdendo as suas particularidades e diferenças. É um ponto muito importante no vínculo das pessoas com o lugar. Temos que resguardar os aspectos positivos que cada cidade tem. Esse projeto revela essas belezas. A Reta da Penha (Avenida Nossa Senhora da Penha), por exemplo, foi construída de frente para o Convento da Penha para valorizar aquele monumento. As ruas da Praia do Canto morrem nos pés dos pequenos morros, que agora começam a ser encobertos pelos prédios. As ilhas são valorizadas. O Morro da Barrinha – morro do Sacré-Couer – foi imaginado para ser subido de charrete e ter a visão, de um lado, do estuário do Rio Santa Maria e seu manguezal, do outro, “o infinito do oceano”, nas palavras do próprio Saturnino. É isso que nos particulariza, e não um prédio alto. Esses recursos naturais são as novas raridades urbanas. Quem tem isso, tem moeda forte. O grande predicado desse projeto é que, em cem anos, ele pouco se modificou. O projeto tem uma preocupação estética. Hoje, a largura das ruas ainda aguentam toda essa expansão. Mas até quando?